

## QUESTÕES E PROBLEMAS / SQUIBS

1.1/2, 1985: 121-4

**PRONOMES, ANÁFORA, ZERO:  
OBSERVAÇÕES SOBRE UMA MUDANÇA LINGÜÍSTICA  
(Pronouns, Anaphora, Zero: Notes on a Linguistic Change)**

Miriam LEMLE (*Universidade Federal do Rio  
de Janeiro*)

A tese de Samuel Moreira da Silva, *Études sur la symétrie et l'asymétrie sujet/objet dans le Portugais du Brésil* (Université de Paris VIII, 1983) contém alguns julgamentos de aceitabilidade que suscitaram o desacordo entre alunos de pós-graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da UFRJ, turma de 1982, com quem discuti esse trabalho. O objetivo deste esboço é tentar caracterizar e explicar essa divergência que se verificou nos critérios de avaliação de aceitabilidade entre falantes de dialetos distintos do Português do Brasil.

2.1, 1986 : 145-9

**OS POSSESSIVOS COMO INDICADORES DE REFERÊNCIA E  
ATRIBUIÇÃO  
(Possessives as Indicators of Reference and Attribution)**

José BORGES NETO (*Universidade Federal  
do Paraná*)

Donnellan, em seu trabalho de 1966 (*Reference and Definite Descriptions*), atribui às descrições definidas duas possibilidades de uso: um uso referencial e um uso atributivo.

Nosso objetivo neste trabalho é discutir um caso do português em que a distinção entre uso referencial e atributivo parece ser sintaticamente marcada.

2.2, 1986: .265-75

**RESTRIÇÕES CONTEXTUAIS NA CODIFICAÇÃO E  
DECODIFICAÇÃO**  
(Contextual Restrictions on Codification and Decodification)

Nádia Ribeiro MOREIRA (*Universidade Federal do Paraná*)

Na língua portuguesa, o contexto da palavra, isto é, o ambiente da palavra em que se encontra a letra, impõe restrições grafêmicas. Assim, em determinadas situações podemos ou não usar determinadas letras e isso nos é indicado pela posição da letra na palavra e pela relação da letra com aquela que a antecede ou aquela que lhe segue.

Neste artigo, examino o uso dessas restrições contextuais por sujeitos experientes no trato com a língua escrita, ao grafar e ler palavras inventadas; tento identificar estratégias que interferem na atualização de regras ortográficas aplicadas a palavras cuja imagem visual inexistente e verificar até que ponto estratégias adotadas para a escrita guardam relações de dependência para com aquelas empregadas na leitura, aqui consideradas como decodificação - associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos.

3.1, 1987: 111-5

**ALGO MAIS SOBRE NÃO SÓ MAS TAMBÉM**  
(Something Else about Não Só Mas Também)

Rodolfo ILARI (*Universidade Estadual de Campinas*)

Em um longo artigo do nº 8 dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, o Prof. Eduardo R. J. Guimarães desenvolve uma análise minuciosa da construção "não só P mas também Q". A linha dessa análise é indicada no título do artigo, pelas palavras "argumentação" e "polifonia": na perspectiva da chamada "semântica aragumentativa". O prof. Guimarães procura provar que a significação de "não só P mas também Q" é não-componencial (ou como parece mais correto dizer, não composicional).

Aqui esboço a hipótese contrária. Se tudo estiver correto, composicionalidade e argumentação podem coexistir pacificamente, e fica no ar uma dúvida.

3.2, 1987: 243-52

**INVERSÃO DA ORDEM SV EM INTERROGATIVAS NO PORTUGUÊS: UMA QUESTÃO SINTÁTICA OU ESTILÍSTICA?**  
**(The Inversion of SV Order in Wh-Questions in Portuguese: A Syntactic or a Stylistic Issue?)**

Mary A. KATO (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas*)

Em Kato e Tarallo (1987), propusemos que a ordem V+SN no português do Brasil compreendia três fenômenos distintos: a) construções ergativas, com verbos existenciais, apresentativos, aspectuais e incoativos, nas quais o SN à direita do verbo é um objeto direto não-acusativo, que pode alçar-se para a posição do sujeito, originariamente uma categoria vazia não referencial (= um pro expletivo). O que pretendo fazer neste trabalho é analisar com mais profundidade a construção de V-FRONT, face a um trabalho sobre esse fenômeno no português de Portugal por M. Âmbar (1985).

4.1, 1988: 121-47

**SOBRE A REGRA DE ANTEPOSIÇÃO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL**  
**(On the Rule of Verb Fronting in Brazilian Portuguese)**

Lúcia Maria Pinheiro LOBATO (*Universidade de Brasília*)

Kato (1987) analisa, entre outros fatos, a operação no português do Brasil (PB) da regra de anteposição de verbo flexionado (Vf -Front), que antepõe o verbo ao sujeito, e indaga ser essa regra sintática ou estilística.

Procurarei, a seguir, mostrar que essa regra é estritamente sintática no PB, mas por razões independentes do seu caráter facultativo.

4.2, 1988: 273-90

**OBJETO NULO E PREDICAÇÃO:  
HIPÓTESES PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DA SINTAXE  
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**  
(Null Object and Predication: Hypothesis Towards  
a Characterization of Brazilian Portuguese Syntax)

Charlotte Marie Chambelland GALVES (*Universidade Estadual de  
Campinas*)

O fenômeno do objeto nulo tem atraído a atenção de muitos lingüistas gerativistas desde o trabalho pioneiro de Huang (1984): o português voltou assim a fornecer dados fundamentais para a teoria da sintaxe. Na análise de Huang, o objeto nulo é uma "variável" vinculada por um tópico nulo, ou seja, dentro da tipologia das categorias vazias propostas por Chomsky (1982), o objeto nulo do português brasileiro (PB), tal e qual o do chinês, é caracterizado como [-anafórico/-pronominal]. É seu caráter [-pronominal] que ocupa um lugar de destaque na argumentação de Huang, e que contribui para fazer de sua análise um marco importante na história desta questão.

5.1, 1989: 101-20

**ADVÉRBIOS E PREPOSIÇÕES, SINTAGMAS ADVERBIAIS E  
SINTAGMAS PREPOSICIONAIS**  
(Adverbs and Prepositions, Adverbial Phrases and  
Prepositional Phrases)

Lúcia M. Pinheiro LOBATO (*Universidade  
de Brasília*)

A questão do relacionamento entre as classes dos advérbios e das preposições e entre os sintagmas adverbiais (SAdvS) e os sintagmas

preposicionais (SPs) não tem sido ponto pacífico de discussão na literatura lingüística.

Propomo-nos a enriquecer esse debate com outros argumentos e a tentar explicar por que SAdv e SPs são muitas vezes intercambiáveis

5.2, 1989: 241-58

**CLÍTICOS DATIVOS COMO INTERPRETAÇÃO POSSESSIVA:  
UM ESTUDO  
(A Study on Dative Clitics with a  
Possessive Interpretation)**

Maria Cristina FIGUEIREDO SILVA (*Doutorado - Universidade  
Estadual de Campinas*)

Este trabalho procura discutir, dentro da Teoria de Regência e Vinculação, as construções cliticizadas que, nas diversas línguas românicas, possuem interpretação possessiva - são as chamadas estruturas de "posse inalienável" - presentes também no português do Brasil.

6.1, 1990: 99-110

**TÓPICO COMO INTRODUTOR DE TERCEIRA PESSOA DO  
DISCURSO  
(Topic as a Position to Introduce  
Discourse Third Person)**

Mary A.KATO (*Universidade Estadual  
de Campinas*)

Meu objetivo neste trabalho é abrir uma discussão em torno dessa questão da logoforicidade na gramática, já tratada por Kuno (1972 e 1987), relativamente a outros pontos da gramática do inglês e de outras línguas, e por mim (Kato 1976), em relação ao sujeito nulo.

6.2, 1990: 255-71

**ÊNCLISE E PRÓCLISE: GEOMETRIA OU ÁLGEBRA,  
MORFOLOGIA OU SINTAXE ?**  
(Enclisis or Proclisis: Geometry or Algebra,  
Morphology or Syntax?)

Charlotte M. Chambelland GALVES (*Universidade Estadual de  
Campinas*)

No seu artigo *Cliticização e Tempo em Português Europeu*, Alain Rouveret define duas teorias da cliticização, a geométrica e a algébrica. Carmen Dobrivie-Sorin, ao estudar a cliticização em romeno, evoca uma outra dicotomia na análise dos clíticos: a concepção morfológica, e a concepção sintática.

Gostaria aqui de propor uma reflexão sobre essa dupla dicotomia para, resolvendo a segunda numa concepção mais harmônica da relação sintaxe/morfologia, fazer pender a balança para o lado de uma análise de tipo algébrico.

7.1, 1991:409-23

**ADVÉRBIOS MODALIZADORES:  
UM NOVO NÚCLEO PREDICADOR?**  
(Modal Adverbs: A New Predicate Head?)

Mary Aizawa KATO (*Universidade Estadual  
de Campinas*)

Ataliba de CASTILHO (*Universidade Estadual  
de Campinas*)

O presente trabalho trata de advérbios modalizadores, do tipo *realmente*, *possivelmente*, *praticamente*, *rigorosamente* etc, também chamados advérbios sentenciais.

Segundo Castilho e Moraes de Castilho (1990), a gramática tradicional reconhece dois grandes componentes, na sentença: o componente proposicional (P), constituído de sujeito + predicado (= dictum),

e o componente modal, que é uma qualificação do conteúdo e da forma de P, de acordo com o julgamento do falante (= modus).

Tentaremos propor uma análise mais convencional da marcação theta, que não implique em um afastamento das condições de legitimação mais estáveis na teoria.

7.2, 1991: 529-41

**INTERTEXTUALIDADE E POLIFONIA: UM SÓ FENÔMENO?**  
(Intertextuality and Polyphony: only one Phenomenon?)

Ingedore G. Villaça KOCH (*Universidade Estadual de Campinas*)

Pretendo proceder, aqui, a uma reflexão sobre os conceitos tão frequentes na literatura lingüística contemporânea de intertextualidade e polifonia, com o intuito de verificar, através da determinação das características e do âmbito de abrangência que lhes têm sido atribuídas, se designam um só e mesmo fenômeno ou, então, não sendo este caso, de propor uma maneira de distingui-los.

Examinarei, primeiramente, o conceito de intertextualidade e, a seguir, o de polifonia, para, finalmente, apresentar meu ponto de vista sobre a questão.

8.2, 1992: 291-301

**A INSUSTENTÁVEL SERIEDADE DA LEVEZA: UMA ANÁLISE  
DESCONSTRUTIVISTA DO HUMOR DE J.L.AUSTIN**  
(The Unbearable Seriousness of Levity:  
a Deconstructive Analysis of J.L.Austin's Humour)

Kanavillil RAJAGOPALAN (*Universidade Estadual de Campinas*)

O estilo faceto e descontraído de J.L.Austin deixa o leitor sério, no mínimo, perplexo. Para começar, o linguajar coloquial e corriqueiro parece destoar das altas pretensões filosóficas do autor. Valendo-se do

próprio estilo 'brincalhão' de que Austin tanto revela gostar, bem se poderia cobrar-lhe falta de seriedade, ou, com um pouco mais de criatividade, dar-lhe o troco (ou ainda, se quiser, pagar-lhe na mesma moeda), perguntando se não estaria ele "brincando em serviço"?

Os exemplos do fenômeno sob enfoque estão espalhados nos diversos escritos de Austin. Restringiremos nossa discussão a Austin (1962/1990) - a obra mais lida e comentada.

9.1, 1993: 113-28

**QUELLES DESCRIPTIONS LINGUISTIQUES POUR  
ENSEIGNER LES DISCOURS SPÉCIALISÉS?  
(Quais Descrições Lingüísticas Utilizar no Ensino de  
Discursos Especializados?)**

Sophie MOIRAND (*Université de la Sorbone  
Nouvelle*)

Le fait de parler de "discours spécialisés" plutôt que de langues de spécialité constitue bien entendu un indice de l'évolution des conceptions dans la façon de décrire les textes qui circulent à l'intérieur de domaines dits "spécialisés" (disciplines universitaires, travaux scientifiques et domaines professionnels tels "le tourisme" et "les affaires", par exemple). Mais décrire ces textes afin des les enseigner, c'est-à-dire afin de mieux connaître leurs fonctionnements et, par suite, savoir les choisir, les répartir dans une progression d'enseignement et apprendre à des spécialistes à mieux les comprendre, pose au linguiste et au linguiste appliqué des questions méthodologiques spécifiques.

On envisagera, dans une première partie, ce que l'on attend des résultats d'une telle description lorsqu'on poursuit des objectifs didactiques et non plus strictement linguistiques. On développera, en seconde partie, une approche interactive entre trois entrées de niveaux différents, que constituent le cadre de ce que l'on nomme une "linguistique des discours". On conclura sur la nécessité de dégager des catégories discursives distinctes des catégories linguistiques classiques, si l'on veut mettre en place une théorie des variations discursives.

9.2, 1993: 295-304

**VERBOS EM -A(R) EM PORTUGUÊS:  
AFIXAÇÃO OU CONVERSÃO?**

**(Denominal -A(R) Verbs in Portuguese: A Derivational Approach?)**

Margarida BASÍLIO (*Universidade Federal  
do Rio de Janeiro*)

A situação da formação de verbos em português é controversa no que se refere a verbos formados com -a, na medida em que este elemento se coloca na fronteira entre o nível derivacional e o flexional; verbos como *perfumar* e *desossar* podem ser interpretados de diferentes maneiras quanto à formação.

Neste Squib, pretendo discutir as três alternativas e sugerir que, embora nenhuma alternativa seja destituída de problemas, uma delas é mais interessante para a descrição de estruturas lexicais do português.

9.ESPECIAL, 1993: 455-62

**RESTRICÇÕES DE BLOQUEIO E  
A TEORIA DA OPTIMALIDADE**

**(Blocking Constraints, Obligatory Rules and Optimality Theory)**

Daniel L. EVERETT (*Universidade de Pittsburgh*)

Neste trabalho, defendo que as Restrições de Bloqueio, propostas originalmente por Kisseberth (1970) e desenvolvidas subsequentemente por McCarthy (1986), Yip (1988) e outros, na realidade, não funcionam para algoritmos determinísticos do tipo pressuposto na maioria das obras sobre fonologia, desde Chomsky & Halle (1968), incluindo as que acabamos de citar. Este fato não foi percebido até agora, provavelmente devido à atração intuitiva das Rbs. Concluiremos que as Rbs somente podem funcionar dentro de um modelo em que todas as regras são facultativas e as restrições são ordenadas tal que uma restrição ou regra só pode se aplicar se não violar uma restrição mais alta na lista ordenada, como proposto na Teoria da Optimalidade (TO) de Prince e Smolensky (1993).

10.1, 1994: 83-7

### **SALTO DE ETAPA (S) NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS (Stage Skipping in Word-Formation )**

Antonio José SANDMANN (*Universidade Federal do Paraná*)

A questão que vai nos ocupar diz respeito ao fato de que em leituras mais ou menos recentes deparamo-nos com as seguintes formações de palavras não registradas no Aurélio (estar ou não registrado no Aurélio não é um critério absoluto para uma forma ser considerada nova ou não) e que têm em comum o serem derivadas de topônimos, isto é, nomes de países, ou de adjetivos pátrios: *cubanização* (Folha, 6.6.89), *iraquização* (Folha, 1.10.90), *libanização* (Folha, 9.10.90), *bolivianização* e *equadorização* (Folha, 17.7.91), *iugoslavização* (Folha, 14.10.91), *colombianização* (Folha, 2.2.92), *brasilianização* (Folha, 2.2.92) e *desalagoanização* (Folha, 14.9.91).

10.2, 1994: 409-20

### **AS CONSTRUÇÕES COM PREPOSIÇÕES DESACOMPANHADAS NO INGLÊS (On Preposition Stranting Construction in Generative Theory)**

Yara DUARTE (*Universidade de Brasília*)

Um dos contrastes mais marcantes entre o português e o inglês diz respeito à possibilidade de, no inglês, um SN ou QU- separar-se da preposição da qual é Complemento, deixando-a órfã ou desacompanhada. Poder-se-ia supor que as construções com preposições desacompanhadas (CPDs) são frequentes e regulares.

Na verdade, porém, trata-se de um fenômeno raro entre as línguas naturais, até hoje atestado apenas no inglês, no holandês, nas línguas escandinavas e em algumas línguas Kru da Costa do Marfim.

O objetivo deste Squib é examinar as principais análises das CPDs apresentadas para o inglês, apontar os problemas que elas enfrentam e suscitar certas questões que julgamos relevantes para embasar uma nova análise do fenômeno, que apresente uma explicação unificada e que tenha validade translingüística